



A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO PARA O ESTUDO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Autor: Ana Paula da Silva - ID

Co-autora: Juliana Nóbrega de Almeida

Orientadora: Josandra Araújo Barreto de Melo

RESUMO: O presente trabalho vem sendo desenvolvido na turma do 2º ano do Ensino Médio, na E. E. F. M. Assis Chateaubriand, localizada no Bairro de Santo Antônio, na cidade de Campina Grande-PB, participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, subprojeto de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB objetiva levar o discente a conhecer o Semiárido nordestino através da utilização do lúdico no ensino de Geografia, tornando as aulas mais dinâmicas e participativas, através de jogos e brincadeiras, despertando o interesse dos alunos pelos conteúdos em estudo. Esta pesquisa seguiu de uma metodologia participativa com aspectos fenomenológicos e de abordagem bibliográfica. Dessa forma, as aulas foram elaboradas através de uma metodologia expositiva e dialogada, trazendo o conteúdo em estudo sempre para a escala local, fazendo-se o uso das categorias geográficas Lugar e Região. Fez-se uso também de músicas, obras da literatura regionalista e imagens. Também foi realizado um "Bingo Geográfico", com o intuito de revisar a temática em análise. Como próximos passos, haja vista a pesquisa estar em desenvolvimento, será realizada uma aula de campo pelo centro da cidade de Campina Grande, assim como a apresentação das obras literárias e a construção de um jogo intitulado "GEOTUR", que será realizada pelos próprios alunos, onde o jogador poderá conhecer de forma holística a história do Semiárido nordestino através do ato de brincar. Parcialmente, observa-se que tal intervenção vem despertando o interesse dos discentes por conhecer o Semiárido, haja vista o envolvimento destes nos trabalhos realizados. Portanto, o uso do lúdico no ensino de Geografia desperta no aluno um maior interesse, concentração e atenção, trazendo grandes contribuições para o processo de aprendizagem geográfica.

Palavras-Chave: Lúdico, Semiárido, Metodologia.

INTRODUÇÃO

Ouve-se sempre dos alunos que a Geografia é uma matéria sem utilidade, sendo esta conhecida como a disciplina da memorização, enfadonha, sendo essas caracterizações presentes na história da Geografia escolar, desde o início da sua institucionalização enquanto disciplina escolar no País. Mesmo com tantos avanços na área da educação e do ensino, ainda é comum ouvir este tipo de comentário, pois essa realidade persiste em muitas salas de aulas

do Brasil, onde muitos professores privam-se de desenvolver novas metodologias ou aprimorar outras já existentes para tornar sua aula mais dinâmica e interativa e levar o aluno a tornar-se um ser ativo na construção do conhecimento.

Mediante tais constatações, é preciso desenvolver metodologias que levem o aluno a aprender através de aulas mais prazerosas e atrativas, sendo o lúdico um ótimo meio de aprendizagem. Através da utilização do lúdico o professor pode trazer o conteúdo presente no currículo escolar para a sala de aula e passar para a turma por meio de jogos e brincadeiras levando o aluno a aprender de forma mais dinâmica e menos enfadonha.

O lúdico pode ser definido como a arte do entretenimento, do divertir-se, buscando na brincadeira um meio de distração. Sobre este aspecto Huizinga apud Dallabona e Mendes comenta que o jogo é uma atividade de ocupação voluntária com tempos e espaços determinados, onde este segue regras obrigatórias porém consentidas pelos jogadores acompanhado de alegria e divertimento. Percebe-se que a toda uma organização natural do ser humano em desenvolver e executar um jogo. Portanto o lúdico torna-se um importante instrumento de aprendizagem.

Dallabona e Mendes ainda se apropriam das teorias de Piaget e Winnicote, onde estes definem que ao longo de suas vidas os seres humanos criam conceitos como jogos e brincadeiras como uma forma de nomear o seu brincar, embora tanto a palavra jogo quanto brincadeira tem o mesmo significado.

Foi com o intuito de buscar mudar essa realidade que esta intervenção didática intitulada de “Lúdico e Geografia: Uma viagem pelo Semiárido através do GEOTUR” foi realizada na turma do 2º ano na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada na cidade de Campina Grande-PB, participante do PIBID/CAPES/UEPB, Subprojeto Geografia, abordando a importância da utilização do lúdico nas aulas de Geografia com o intuito de torná-las mais dinâmicas e participativas.

Sabendo-se da importância do brincar no processo de aprendizagem da criança como forma de desenvolver sua concentração, atenção, entre outras características, buscou-se no presente projeto desenvolver metodologias que relacionem o brincar com o aprender

Geografia, como uma forma de despertar a atenção e o entusiasmo dos alunos pelo conteúdo em estudo, bem como conhecer o Semiárido Nordestino, a formação deste espaço, seu processo de ocupação, sua cultura, economia e os principais pontos turísticos através do brincar, levando os discentes a conhecerem a outra face do Semiárido, sua beleza e desenvolvimento, fatos que a mídia não mostra. No caso deste artigo, os principais objetivos consistem em analisar os resultados da implementação do mencionado projeto de intervenção e/ou colaboração no contexto das aulas de Geografia na turma em análise.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA GEOGRAFIA E DO LÚDICO NO ENSINO

Muito tem se debatido acerca da utilização de metodologias que levem o aluno a ser um ser ativo, participando da aula e contribuindo para a produção do conhecimento tornando-a mais atrativa e menos enfadonha.

A partir das teorias de Vygotsky a cerca da importância do lúdico no processo de aprendizagem, buscou-se trabalhar o Semiárido em sala de aula através do brincar tornando as aulas prazerosas. Para o mencionado teórico, o indivíduo aprende através das relações que mantém com o meio em que está inserido, a este processo ele chama de mediação. O brincar torna-se essencial no processo dessa aprendizagem. Através do brincar a criança passa a desenvolver a criatividade e, com o passar do tempo, passa a separar o que é real do imaginário, criando linguagens e signos próprios, sendo este um fator essencial para o seu desenvolvimento e para suas relações com o meio em que está inserido. Sobre este aspecto, Rolim et al (2008, p 177) afirmam que:

O brincar prepara para futuras atividades de trabalho: evoca atenção e concentração, estimula a autoestima e ajuda a desenvolver relações de confiança consigo e com os outros. Colabora para que a criança trabalhe sua relação com o mundo, dividindo espaços e experiências com outras pessoas (ROLIM et al,2008 p.177).

Para tanto, o brinquedo tem um importante papel nesse processo de aprendizagem, pois através dele a criança desenvolve a concentração, memória, atenção, percepção, entre outras características que são essenciais para o seu aprender. Portanto, o brinquedo trás não apenas o prazer, mas vai além. Sobre este aspecto, Vygotsky acrescenta que:

Definir o brinquedo como uma atividade que dá prazer à criança é incorreto por duas razões. Primeiro, muitas atividades dão à criança experiências de

prazer muito mais intensas do que o brinquedo, como por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não se sacie. E, segundo, existem jogos nos quais a própria atividade não é agradável, como por exemplo predominantemente no fim da idade pré-escolar, jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante. Os jogos esportivos (não somente os esportes atléticos, mas também outros jogos que podem ser ganhos ou perdidos) são, com muita frequência, acompanhados de desprazer, quando o resultado é desfavorável para a criança (VYGOTSKY, 1991, p 61/62).

Sendo assim, o brinquedo também auxilia na interação da criança com o meio em que está inserida através das relações que este desenvolve brincando, sobretudo o conhecimento. Desta forma, o brinquedo torna-se um importante recurso didático a ser utilizado nas aulas de Geografia.

Portanto, ao analisar esta teoria entende-se que o conhecimento não está limitado apenas ao professor, pois o aluno aprende através das relações que mantém com o meio em que está inserido e o brincar trás uma grande contribuição para esse processo de aprendizagem, sendo um grande facilitador do conhecimento, se utilizado corretamente.

Dessa forma, buscou-se tornar a aula mais dinâmica com a utilização deste recurso no estudo do Semiárido, como forma de explorá-lo, despertando a curiosidade do aluno em conhecer com mais profundidade este lugar na qual também estão inseridos, bem como seu processo de ocupação, desenvolvimento e sua dinâmica econômica e turística da atualidade.

Através deste estudo sobre o Semiárido está sendo feita uma desconstrução da imagem estereotipada que a mídia passa como um lugar pobre, porém, não se pode esconder o seu passado, o sofrimento das pessoas castigadas pela seca e pelo descaso dos seus representantes, pois esta história está presente nos romances, nas músicas e na poesia, bem como as múltiplas especialidades existentes neste lugar ainda hoje, o contraste entre a pobreza e o desenvolvimento.

Portanto, estão sendo trabalhados estes aspectos como o bioma caatinga e sua relação com socioespacial, através de revisão bibliográfica de obras da literatura regionalista, como O Quinze, de Rachel de Queiroz; Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto; O Alto da Compadecida, de Ariano Suassuna; Vidas Secas, de Graciliano Ramos e; Os Sertões, de Euclides da Cunha, bem como as músicas Asa Branca, A Volta da Asa Branca e Nordeste

pra frente, de Luiz Gonzaga.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta resultados parciais, obtidos por meio de uma pesquisa de cunho participativo, com aspecto fenomenológico e de abordagem bibliográfica, realizada através de uma intervenção didática pedagógica pelos alunos bolsistas do PIBID, na turma do 2º ano do Ensino Médio, no turno da tarde, na E.E.E.F.M. Assis Chateaubriand.

As aulas para implementação do projeto foram elaboradas através de uma metodologia expositiva e dialogada, onde os alunos participaram de forma construtiva no processo de aprendizagem. Para tanto, utilizam-se jogos e brincadeiras com o intuito de prender a atenção e concentração do aluno, sendo os mesmos os próprios criadores destes jogos.

Para uma melhor obtenção dos resultados utilizou-se de músicas e de obras da literatura regionalista, fotos e imagens do Semiárido antes e depois de sua modernização buscando, desta forma, trazer para os discentes uma visão holística do Semiárido para melhor entendimento de sua história.

Também se utilizou de metodologias como o brincar, onde foi realizado um bingo geográfico com o intuito de tornar a aula mais dinâmica e prazerosa, levando o discente a ter mais apreço pelo conteúdo abordado. Sabendo-se da importância do brincar no processo de ensino aprendizagem, utilizou-se desta metodologia para desconstruir ideia de que a Geografia é uma disciplina enfadonha e sem utilidade.

Para melhor abordagem do tema em estudo fez-se uso das categorias geográficas lugar e região, mostrando a questão de afetividade que o sertanejo tem com o Semiárido, bem como a importância deste lugar para a região Nordeste, trazendo o tema em estudo sempre para a escala local como forma de levar o aluno a interagir com a aula relacionando o conteúdo em estudo com sua realidade, mostrando o conhecimento que este tem do lugar em que vive, sendo este de fundamental importância para a formação do conhecimento, sobre este aspecto Cavalcanti (2010) afirma que:

Os professores de Geografia estão frequentemente preocupados em encontrar caminhos para propiciar o interesse coletivo dos alunos, aproximando os temas da

espacialidade local e global dos temas da espacialidade vivenciada no cotidiano (Ibidem, p1).

Ao trazer o tema para a escala local foi feita uma análise da importância que teve a cidade de Campina Grande no processo de desenvolvimento do Semiárido e sua dinâmica econômica nos dias atuais, sendo esta denominada de capital regional.

As aulas, na sua maioria, vem acontecendo na biblioteca objetivando levar ao aluno a ter mais contato com esse universo de conhecimentos, tirando estes do ambiente na qual eles sempre tiveram como único produtor de conhecimento, que é a sala de aula.

Como próximos passos, será realizada uma aula de campo pelo centro da cidade de Campina Grande objetivando levar a turma a conhecer sua história, que se repercutiu no cenário nacional no século passado e que ainda se repercute nos dias atuais. Também será realizado uma apresentação das obras literárias, oficina de cartazes, e apresentação da peça teatral, a partir do romance "Morte e Vida Severina", de João Cabral de Melo Neto.

Para a conclusão do projeto, pretende-se construir junto com a turma um jogo intitulado de "GEOTUR", onde o jogador poderá fazer um tour pelos principais pólos econômicos, turísticos e culturais do Semiárido sem precisar sair da sala de aula. Através da utilização do lúdico, buscar-se-á despertar no aluno sua criatividade, atenção e concentração na produção de seu próprio jogo, bem como conhecer a região de forma mais profunda.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o intuito de tornar as aulas de Geografia mais dinâmicas e prazerosas vem sendo desenvolvidas varias metodologias para se obter melhores resultados no processo de aprendizagem dos alunos acerca do estudo do Semiárido brasileiro, haja vista os alunos trazerem uma visão deturpada sobre a região, identificando-a como um lugar pobre e que nada de bom ter para oferecer, porém sabe-se que esta concepção é fruto dos produtos midiáticos sensacionalistas e dos livros didáticos produzidos no Sudeste.

Desta forma, buscou-se desconstruir esta imagem levando o aluno a reconstruir um outro conceito de Semiárido, como um lugar rico em cultura, tradição, belezas naturais e com uma economia que vem crescendo a cada dia.

A priori, buscou-se trabalhar o Semiárido através de uma visão holística, abrangendo seus vários aspectos, a partir de seu processo de ocupação e desenvolvimento ao longo dos séculos, até os dias atuais.

Para tanto, trabalhou-se a região das mais diversas formas, de antemão solicitou-se da turma uma produção textual onde estes deveriam descrever sucintamente sua concepção de Nordeste. Em seguida, foi trabalhado o bioma caatinga, bem como os aspectos físicos deste lugar e a relação destes aspectos com a sociedade que ainda está buscando meios de se adaptar com ele.

Buscou-se mostrar a relação sociedade x natureza antes do processo de desenvolvimento pelo qual o Semiárido passou, a partir das décadas de 1960 e 1970, onde a população vivia como que em um determinismo ambiental, esperando que a natureza ditasse como viveriam, sobre estes aspectos Graciliano Ramos descreve em sua tão famosa obra *Vidas Secas* que:

Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizava a família durante meses. A catinga amarelara, avermelhara-se, o gado principiara o emagrecer e horríveis visões de pesadelos tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasga o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgirão mais claros, os trovões roncava perto, na escuridão da meia noite rolar o nuvens de sangue (Ramos, 2006, p 65).

Não havendo meios de armazenar água para o período de estiagem, quando a seca chegava são restava retirar-se para outras regiões, a procura de terras melhores. Bastava parar de chover para o sertanejo começar a ter pesadelos com a seca que um dia chegaria. E quando esta chegava, a única soluço era ir embora para terras desconhecidas, porém idealizadas, perseguidos pela fome, pela sede e pelo sol, estes carregavam seus únicos pertences enrolados em panos sobre suas cabeças, protegendo-se do sol, sobre esta realidade RAMOS ainda descreve que:

Não sentia a espingarda, os sacos, as pedras miúdas que lhes entravam nas alpercatas, o cheiro de carniça que lhe empestavam o caminho. As palavras de Sinh  Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nesta terra, porque não sabiam como ela era nem onde era. Repetia docilmente às palavras de Sinh  Vitória, as palavras que Sinh  Vitória murmurava porque confiava nele. E andava para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade cheia de pessoas fortes. Os meninos em escola

aprendendo coisas difíceis e necessárias... Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes como Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos (RAMOS, 2006,p 128).

Para onde ir não se sabia, porém o medo de se lançar por lugares nunca vistos dava lugar a esperança de viver em uma terra melhor, onde a seca não tirasse a beleza de suas vidas e a esperança de dar melhores condições de vida para os seus filhos trabalhando com mais dignidade. Em sua obra tão famosa "O Quinze", Rachel de Queiroz descreve com emoção sobre esta realidade pela qual o sertanejo passou na maior seca que se tem conhecimento no Nordeste, em 1915:

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mudo é grade e o amazonas sempre há borracha... E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor (QUEIROZ, 2003, p31).

Esta realidade pela qual o Semiárido passou durante os últimos séculos também foi apresentada para a turma através da música. Para tanto, utilizou-se das composições de Luiz Gonzaga, o Rei do baião, que trabalhou de forma tão bela a seca do Nordeste como na música Asa Branca e A volta da Asa Branca, onde pode-se perceber esse determinismo em que a sociedade fazia parte. Utilizou-se também de outras obras como Os Sertões, de João Cabral de Melo Neto e o Alto da Compadecida, de Ariano Suassuna, que descrevem, de forma belíssima, este cenário de seca.

Entretanto, os alunos também se debruçaram sobre o processo de desenvolvimento pelo qual o Semiárido tem passado e das novas tecnologias que estão sendo desenvolvidas para facilitar a vida do sertanejo durante o período de estiagem, sobre estes aspectos MALVEZZE comenta que:

O segredo da convivência está e compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mas de acabar com a seca, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes (MALVEZZE, 2007,p 12).

Como relata o autor, é preciso aprender a viver nesse lugar sem interferir na natureza, porém criando meios de convivência para melhor se viver, algumas dessas formas são as cisternas de placa, açudes de trincheiras, tratamento de esgoto domiciliar, entre outras. Estas tecnologias foram apresentadas para a turma através de imagens e de textos auxiliares.

Para uma melhor compreensão do conteúdo em estudo foi realizado um “Bingo Geográfico”, tornando a aula mais dinâmica e, desta forma, despertando no aluno um maior entusiasmo pelo tema em estudo. Também foi solicitada a turma uma produção textual desconstruindo a imagem estereotipada que a mídia passa do Semiárido. Logo após, foi solicitado a turma a leitura destas obras da literatura regionalista supracitadas para apresentar em sala nas próximas aulas.

Como próximos passos serão desenvolvidos uma oficina de cartazes, usando uma linguagem imagética de todo conteúdo abordado durante o projeto, também será realizada uma aula de campo, onde serão percorridos alguns lugares da cidade de Campina Grande que marcaram a história dessa cidade relacionando-os ao desenvolvimento pelo qual o Nordeste passou, como o museu do algodão e o Sítio São João.

A partir da obra literária “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto será apresentado uma peça teatral com os alunos como culminância deste projeto, juntamente com o jogo “GEOTUR” confeccionado pelos próprios alunos, onde o jogador conhecerá jogando como se deu o processo de ocupação do semiárido nordestino, seu desenvolvimento, cultura, belezas naturais e economias. Desenvolvendo no jogador não só apenas sua concentração e atenção mas também o aprendizado sobre este lugar de forma construtiva.

CONCLUSÃO

Sabe-se o quanto é importante desconstruir a concepção de Semiárido como um lugar pobre e atrasado, que os alunos adquiriram durante sua vida através dos mais diferentes meios dando, desta forma, o real valor que este lugar deve ter para suas vidas. Para isso, é necessário o uso de metodologias que tornem esse processo de aprendizagem mais prazeroso e dinâmico.

A partir das metodologias que estão sendo desenvolvidas através da intervenção acima citada, percebe-se o quanto os alunos estão desenvolvendo uma maior criticidade a cerca do

conteúdo abordado, bem como um maior interesse em conhecer o Semiárido mais profundamente, de forma divertida através de jogos e brincadeiras, auxiliados por outras metodologias e técnicas.

Estes alunos puderam perceber que a imagem de um semiárido como uma terra improdutiva, com uma população miserável que a mídia mostra deu lugar a um verdadeiro oásis de cultura e desenvolvimento, imagem essa que é preciso ser desconstruídas e reconstruídas. Essa reconstrução deve-se começar na sala de aula, lugar de construção do conhecimento e disseminação das ideias, onde o discente é o principal protagonista na construção desse processo de ensino aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem o apoio concedido, mediante bolsas, efetuado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, assim como a toda a comunidade escolar da E.E.E.F.M. Assis Chateaubriand para realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, Lana de Souza. A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas/ Lana de Souza Cavalcante.(IM) Anais do Semiárido Nacional: Currículo em Movimento- Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, 2010.
- DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Suely Maria Schmitt. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Jogar, brincar, uma forma de educar. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em <http://www.posuniasselvi.com.br> .Acesso em 30/06/2015.
- QUEIROZ, Rachel de. O Quinze, Rio de Janeiro, José Olímpio, 2010.
- MALVEZZE, Roberto. Semi-árido- Uma visão holística, Brasília, Confea, 2007.
- ROLIM, Amanda Alencar Machado et al. Uma Leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento , Humanidades, Fortaleza, 2008.
- RAMOS, Graciliano. Vidas Secas .Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2006.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente/ L. S Vygotsky- São Paulo. 1991.